

Título

Cultura fractal

Autor

André Sathler Guimarães

Local de publicação

Não publicado

Cultura Fractal

Pela primeira vez, fui assistir à ópera “A Flauta Mágica”, de Mozart. Impressionei-me pela quantidade de trechos que já conhecia. Pequenos pedaços, expropriados, transportados aos cacos para a sopa homogênea e insossa da cultura de massa. Misturados a esse caldo raso e indiscernível, traziam apenas a sensação de *deja vu*, ou melhor, *deja oui*, sem, contudo, permitir uma correta apreensão de seu valor cultural.

Ao contrário da construção de sentido lenta e prazerosa que se dá naturalmente ao longo da apresentação, prevalece a onipresença dos fractais sonoros, reproduzidos em escala industrial. As técnicas de produção e reprodução massiva forçam uma ruptura com qualquer tentativa mais profunda de construção de sentido, deixando, no lugar, o reino do efêmero e do superficial.

O pensamento atrofia-se : torna-se assistemático, rapsódico. Nesse ambiente, nasceu e prospera uma geração de dose única, incapaz de dar atenção à qualquer coisa que dure mais do que os 0,2 seg dos quadros que se sucedem nos cliques da MTV (haja vista a impaciência de muitos jovens que estavam presentes ao teatro). A sermos pessimistas, lembramo-nos logo das admoestações dos teóricos da *Escola de Frankfurt* de que essas doses higiênicas são feitas sob medida para justamente impedir a articulação de sentido e o nascimento da consciência crítica, que é, por definição, mais difícil de ser amestrada.

O *deja vu* decorre também de uma outra mola mestra da chamada indústria cultural : a repetição, *ad nauseam*, daquilo que já fez sucesso. As doses higiênicas são pescadas no caldeirão da mesmice, do que já foi *best-seller*, pois assim reduz-se o risco do fracasso. E sobra sempre, na consciência ingênua, uma vaga noção de conhecimentos gerais e superficiais, todavia incapazes de produzir conhecimento novo e verdadeiros trucidadores dos processos criativos.

Predomina a reprodutibilidade técnica e, com ela, a obra, enquanto veículo de uma idéia, é fulminada. E não deixa de ser um pouco de Walter Benjamin de novo, fractais reprodutíveis indefinidamente, como pontos incidentais em tortuosas músicas eletrônicas ou em versões espúrias e degeneradas de toques para celular. E assim,

restamos todos mais preparados para o bombardeio midiático dos comerciais de 30 seg e para as leituras esquizofrênicas de outdoors em 5 seg.